

**ana  
cristina  
cesar**

**a  
teus  
pés**

1ª edição 1982  
3ª edição

**brasilianae**  
**B**  
1984

## CARTILHA DA CURA

As mulheres e as crianças são as primeiras que desistem de afundar navios.

\*

Preciso voltar e olhar de novo aqueles dois quartos vazios.

\*

## CONVERSA DE SENHORAS

Não preciso nem casar  
Tiro dele tudo o que preciso  
Não saio mais daqui

Duvido muito  
Esse assunto de mulher já terminou  
O gato comeu e regalou-se  
Ele dança que nem um realejo  
Escritor não existe mais  
Mas também não precisa virar deus  
Tem alguém na casa  
Você acha que ele agüenta?  
Sr. ternura está batendo  
Eu não estava nem aí  
Conchavando: eu faço a tréplica  
Armadilha: louca pra saber  
Ela é esquisita  
Também você mente demais  
Ele está me patrulhando  
Para quem você vendeu seu tempo?  
Não sei dizer: fiquei com o gauche  
Não tem a menor lógica  
Mas e o trampo?  
Ele está bonzinho  
Acho que é mentira  
Não começa

\*

SUMÁRIO

Polly Kellog e o motorista Osmar.  
Dramas rápidos mas intensos.  
Fotogramas do meu coração conceitual.  
De tomara-que-cáia azul-marinho.  
Engulo desaforos mas com sinceridade.  
Sonsa com bom-senso.  
Antena da praça.  
Artista da poupança.  
Absolutely blind.  
Tesã y do talvez.  
Salta-pocinhas.  
Água na boca.  
Anjo que registra.

\*

A história está completa: wide sargasso sea, azul  
azul que não me espanta, e canta como uma sereia  
de papel.

\*

Sem você bem que sou lago, montanha.  
Penso num homem chamado Herberto.  
Me deito a fumar debaixo da janela.  
Respiro com vertigem. Rolo no colchão.  
E sem bravata, coração, aumento o preço.

\*

## ATRÁS DOS OLHOS DAS MENINAS SÉRIAS

Aviso que vou virando um avião. Cigana do horário nobre do adultério. Separatista protestante. Melindrosa basca com fissura da verdade. Me entenda faz favor: minha franqueza era meu fraco, o primeiro side-car anfíbio nos classificados de aluguel. No flanco do motor vinha um anjo encouraçado, Charlie's Angel rumando a toda para o Lagos, Seven Year Itch, mato sem cachorro. Pulo para fora (mas meu salto engancha no pedaço de pedal?), não me afogo mais, não abano o rabo nem rebolo sem gás de decolagem. Não olho para trás. Aviso e profetizo com minha bola de cristais que vê novela de verdade e meu manto azul dourado mais pesado do que o ar. Não olho para trás e sai da

frente que essa é uma rasante: garras afiadas, e  
pernalta.

\*

## ENCONTRO DE ASSOMBRAR NA CATEDRAL

Frente a frente, derramando enfim todas as palavras,  
dizemos, com os olhos, do silêncio. que não é mudez.  
E não toma medo desta alta compadecida passional,  
desta crueldade intensa de santa que te toma as duas  
mãos.

\*

## ESTE LIVRO

Meu filho. Não é automatismo. Juro. É jazz do  
coração. É prosa que dá prêmio. Um tea for two  
total, tilintar de verdade que você seduz, charmeur

volante, pela pista, a toda. Enfie a carapuça.  
E cante.  
Puro açúcar branco e blue.

\*

## DUAS ANTIGAS

I

Vamos fazer uma coisa:  
escreva cartas doces e azedas  
Abre a boca, deusa  
Aquele solenidade destransando leve  
Linhas cruzando: as mulheres gostam  
de provocação  
Saboreando o privilégio  
seu livro solta as folhas  
Aí então ela percebeu que seu olho corria  
veloz pelo museu e só parava em três,  
desprezando como uma ignorante os outros  
grandes. E ficou feliz e muito certa com a  
volúpia da sua ignorância. Só e sempre procura  
essas frases soltas no seu livro que conta história

que não pode ser contada.  
Só tem caprichos  
É mais e mais diária  
– e não se perde no meio de tanta e tamanha  
Companhia

\*

Voando com o pássaro

Ana Cristina Cesar

•

Tu queres sono: despe-te dos ruídos, e  
dos restos do dia, tira da tua boca  
o punhal e o trânsito, sombras de  
teus gritos, e roupas, choros, cordas e  
também as faces que assomam sobre a  
tua sonora forma de dar, e os outros corpos  
que se deitam e se pisam, e as moscas  
que sobrevoam o cadáver do teu pai, e a dor  
[ (não ouças)  
que se prepara para carpir tua vigília, e os  
[ cantos que  
esqueceram teus braços e tantos movimentos  
que perdem teus silêncios, o os ventos altos  
que não dormem, que te olham da janela  
e em tua porta penetram como loucos  
pois nada te abandona nem tu ao sono.



\*

## SONETO

Pergunto aqui se sou louca  
Quem quer saberá dizer  
Pergunto mais, se sou sã  
E ainda mais, se sou eu

Que uso o viés pra amar  
E finjo fingir que finjo  
Adorar o fingimento  
Fingindo que sou fingida

Pergunto aqui meus senhores  
quem é a loura donzela  
que se chama Ana Cristina

E que se diz ser alguém  
É um fenômeno mor  
Ou é um lapso sutil?

\*

olho muito tempo o corpo de um poema  
até perder de vista o que não seja corpo  
e sentir separado dentre os dentes  
um filete de sangue  
nas gengivas

\*

## FLORES DO MAIS

devagar escreva  
uma primeira letra  
escreva  
na imediações construídas  
pelos furacões;  
devagar meça  
a primeira pássara  
bisonha que  
riscar  
o pano de boca  
aberto  
sobre os vendavais;  
devagar imponha  
o pulso  
que melhor  
souber sangrar  
sobre a faca  
das marés;  
devagar imprima  
o primeiro  
olhar  
sobre o galope molhado  
dos animais; devagar  
peça mais  
e mais e  
mais

\*

O HOMEM PÚBLICO N. 1

Tarde aprendi

bom mesmo  
é dar a alma como lavada.  
Não há razão  
para conservar  
este fiapo de noite velha.  
Que significa isso?  
Há uma fita  
que vai sendo cortada  
deixando uma sombra  
no papel.  
Discursos detonam.  
Não sou eu que estou ali  
de roupa escura  
sorrindo ou fingindo  
ouvir.  
No entanto  
também escrevi coisas assim,  
para pessoas que nem sei mais  
quem são,  
de uma doçura  
venenosa  
de tão funda.

•

Tenho uma folha branca  
e limpa à minha espera:  
mudo convite

tenho uma cama branca

e limpa à minha espera:  
mudo convite

tenho uma vida branca  
e limpa à minha espera:

\*

Fagulhas

Abri curiosa  
o céu.

Assim, afastando de leve as cortinas.

Eu queria rir, chorar,

ou pelo menos sorrir

com a mesma leveza com que

os ares me beijavam.

Eu queria entrar,

coração ante coração,

inteiriça,

ou pelo menos mover-me um pouco,

com aquela parcimônia que caracterizava

as agitações me chamando.

Eu queria até mesmo

sabe ver,

e num movimento redondo

como as ondas

que me circundavam, invisíveis,

abraçar com as retinas

cada pedacinho de matéria viva.

Eu queria  
(só)  
perceber o invislumbrável  
no levíssimo que sobrevoava.

Eu queria  
apanhar uma braçada  
do infinito em luz que a mim se misturava.

Eu queria  
captar o impercebido  
nos momentos mínimos do espaço  
nu e cheio.

Eu queria  
ao menos manter descerradas as cortinas  
na impossibilidade de tangê-las.

Eu não sabia  
que virar pelo avesso  
era uma experiência mortal.

\*

Samba-canção

Tantos poemas que perdi  
Tantos que ouvi, de graça,  
pelo telefone — taí,  
eu fiz tudo pra você gostar,  
fui mulher vulgar,  
meia-bruxa, meia-fera,  
risinho modernista

arranhando na garganta,  
malandra, bicha,  
bem viada, vândala,  
talvez maquiavélica,  
e um dia emburrei-me,  
vali-me de medidas  
(era uma estratégia),  
fiz comércio, avara,  
embora um pouco burra,  
porque inteligente me punha  
logo rubra, ou ao contrário, cara  
pálida me desconhece  
o próprio cor-de-rosa,  
e tantas fiz, talvez  
querendo a glória, a outra  
cena à luz de spots,  
talvez apenas teu carinho,  
mas tantas, tantas fiz...

\*

Protuberância

Este sorriso que muitos chamam de boca  
É antes um chafariz, uma coisa louca  
Sou amativa antes de tudo  
Embora o mundo me condene  
Devo falar em nariz(as pontas rimam por dentro)  
Se nos determos amanhã  
Pelo menos não haverá necessidades frugais nos  
espreitando

Quem me emprestar seu peito na madrugada  
 E me consolar, talvez tal vez me ensine um assobio  
 Não sei se me querem, escondo-me sem impasses  
 E repitamos a amadora sou  
 Armadora decerto atrás das portas  
 Não abro para ninguém, e se a pena é lépida, nada me  
 detém

É sem dúvida inútil o chuvisco de meus olhos  
 O círculo se abre em circunferências concêntricas que se  
 Fecham sobre si mesmas  
 No ano 2001 terei (2001-1952=) 49 anos e serei uma  
 rainha

Rainha de quem, quê, não importa  
 E se eu morrer antes disso  
 Não verei a lua mais de perto  
 Talvez me irrite pisar no impisável  
 E a morte deve ser muito mais gostosa  
 Recheada com marchemélou  
 Uma lâmpada queimada me contempla  
 Eu dentro do templo chuto o tempo  
 Um palavra me delinea  
 VORAZ  
 E em breve a sombra se dilui,  
 Se perde o anjo.

\*

Protuberância

Este sorriso que muitos chamam de boca  
 É antes um chafariz, uma coisa louca

Sou amativa antes de tudo  
 Embora o mundo me condene  
 Devo falar em nariz(as pontas rimam por dentro)  
 Se nos determos amanhã  
 Pelo menos não haverá necessidades frugais nos  
 espreitando  
 Quem me emprestar seu peito na madrugada  
 E me consolar, talvez tal vez me ensine um assobio  
 Não sei se me querem, escondo-me sem impasses  
 E repitamos a amadora sou  
 Armadora decerto atrás das portas  
 Não abro para ninguém, e se a pena é lépida, nada me  
 detém  
 É sem dúvida inútil o chuvisco de meus olhos  
 O círculo se abre em circunferências concêntricas que se  
 Fecham sobre si mesmas  
 No ano 2001 terei (2001-1952=) 49 anos e serei uma  
 rainha  
 Rainha de quem, quê, não importa  
 E se eu morrer antes disso  
 Não verei a lua mais de perto  
 Talvez me irrite pisar no impisável  
 E a morte deve ser muito mais gostosa  
 Recheada com marchemélou  
 Uma lâmpada queimada me contempla  
 Eu dentro do templo chuto o tempo  
 Um palavra me delinea  
**VORAZ**  
 E em breve a sombra se dilui,  
 Se perde o anjo.

\*



## Casablanca

Te acalma, minha loucura!  
Veste galochas nos teus cílios tontos e habitados!  
Este som de serra de afiar facas  
não chegará nem perto do teu canteiro de taquicardias...

Estas molas a gemer no quarto ao lado  
Roberto Carlos a gemer nas curvas da Bahia  
O cheiro inebriante dos cabelos na fila em frente no  
cinema...

As chaminés espumam pros meus olhos  
As hélices do adeus despertam pros meus olhos  
Os tamancos e os sinos me acordam depressa na  
madrugada feita de binóculos de gávea  
e chuveirinhos de bidê que escuto rígida nos lençóis de  
pano

\*

Que deslize

Onde seus olhos estão  
as lupas desistem.  
O túnel corre, interminável  
pouco negro sem quebra  
de estações.  
Os passageiros nada adivinham.

Deixam correr  
 Não ficam negros  
 Deslizam na borracha  
 carinho discreto  
 pelo cansaço  
 que apenas se recosta  
 contra a transparente  
 escuridão.

\*

Mocidade Independente

Pela primeira vez infringi a regra de ouro e voei pra cima sem medir as conseqüências. Por que recusamos ser proféticas ? E que dialeto é esse para a pequena audiência de serão ? Voei pra cima : é agora, coração, no carro em fogo pelos ares, sem uma graça atravessando o estado de São Paulo, de madrugada, por você e furiosa : é agora, nesta contramão.

\*

Sem título

Sem você bem que sou lago, montanha.  
 Penso num homem chamado Herberto.  
 Me deito a fumar debaixo da janela.  
 Respiro com vertigem. Rolo no chão.  
 E sem bravata, coração, aumento o preço.

\*

O tempo fecha.  
 Sou fiel aos acontecimentos biográficos.  
 Mais do que fiel, oh, tão presa! Esses mosquitos  
 que não largam! Minhas saudades ensurdecidas

por cigarras! O que faço aqui no campo  
declamando aos metros versos longos e sentidos?  
Ah que estou sentida e portuguesa, e agora não  
sou mais, veja, não sou mais severa e ríspida:  
agora sou profissional.

\*

### A Ponto de Partir

A ponto de  
partir, já sei  
que nossos olhos  
sorriam para sempre  
na distância.

Parece pouco?

Chão de sal grosso, e ouro que se racha.

A ponto de partir, já sei que nossos olhos sorriem na  
distância.

Lentes escuríssimas sob os pilotis.

\*

### Um Beijo

que tivesse um blue.

Isto é

imitasse feliz a delicadeza, a sua,  
assim como um tropeço  
que mergulha surdamente  
no reino expresso  
do prazer.

Espio sem um ai

as evoluções do teu confronto  
à minha sombra

desde a escolha  
debruçada no menu;  
um peixe grelhado  
um namorado  
uma água  
sem gás  
de decolagem:  
leitor embevecido  
talvez ensurdecido  
"ao sucesso"  
diria meu censor  
"à escuta"  
diria meu amor  
\*

Fama e Fortuna

Assinei meu nome tantas vezes  
e agora viro manchete de jornal.  
Corpo dói - linha nevrálgica via  
coração. Os vizinhos abaixo  
imploram minha expulsão imediata.  
Não ouviram o frenesi pianíssimo da chuva  
nem a primeira história mesmo de terror:  
no Madame Tussaud o assassino esculpia  
as vítimas em cera. Virou manchete.  
Eu guio um carro. Olho a baía ao longe,  
na bruma de néon, e penso em Haia,  
Hamburgo, Dover, âncoras levantadas  
em Lisboa. Não cheguei ao mundo novo.  
Nada é nacional. Desço no meu salto,  
dói a culpa intrusa: ter roubado

teu direito de sofrer. Roubei tua  
surdina, me joguei ao mar,  
estou fazendo água. Dá o bote.

\*

Ulysses

E ele e os outros me vêm.  
Quem escolheu este rosto para mim?

Empate outra vez. Ele teme o pontiagudo  
estilete da minha arte tanto quanto  
eu temo o dele.

Segredos cansados de sua tirania  
tiranos que desejam ser destronados

Segredos, silenciosos, de pedra,  
sentados nos palácios escuros  
de nossos dois corações:  
segredos cansados de sua tirania:  
tiranos que desejam ser destronados.

o mesmo quarto e a mesma hora

toca um tango  
uma formiga na pele  
da barriga,  
rápida e ruiva,

Uma sentinela: ilha de terrível sede.  
Conchas humanas.

\*

## Toda Mulher

a coisa que mais o preocupava  
naquele momento  
era estudo de mulher

toda mulher  
dos quinze aos dezoito

Não sou mais mulher.  
Ela quer o sujeito  
Coleciona histórias de amor.

\*

## Sete Chaves

Vamos tomar chá das cinco e eu te conto minha  
grande história passional, que guardei a sete chaves,  
e meu coração bate incompassado entre gaufrettes.  
Conta mais essa história, me aconselhas como um  
marechal do ar fazendo alegoria. Estou tocada pelo  
fogo. Mais um roman à clé?

Eu nem respondo. Não sou dama nem mulher  
moderna.

Nem te conheço.

Então:

É daqui que eu tiro versos, desta festa – com  
arbítrio silencioso e origem que não confesso –  
como quem apaga seus pecados de seda, seus três  
monumentos pátrios, e passa o ponto e as luvas

\*

## Psicografia

Também eu saio à revelia  
e procuro uma síntese nas demoras  
cato obsessões com fria têmpera e digo  
do coração: não soube e digo  
da palavra: não digo (não posso ainda acreditar  
na vida) e demito o verso como quem acena  
e vivo como quem despede a raiva de ter visto  
\*

## Poesia

jardins inabitados pensamentos  
pretensas palavras em  
pedaços  
jardins ausenta-se  
a lua figura de  
uma falta contemplada  
jardins extremos dessa ausência  
de jardins anteriores que  
recuam  
ausência freqüentada sem mistério  
céu que recua  
sem pergunta  
\*

## Os Gatos

Localizaste o tempo e o espaço no discurso  
que não se gatografa impunemente.  
É ilusório pensar que restam dúvidas  
e repetir o pedido imediato.

O nome morto vira lápide,  
falsa impressão de eternidade.  
Nem mesmo o cio exterior escapa  
à presa discursiva que não sabe.  
Nem mesmo o gosto frio de cerveja no teu corpo  
se localiza solto na grafia.  
Por mais que se gastem sete vidas  
a pressa do discurso recomeça a recontá-las  
fixamente, sem denúncia  
gatógráfica que a salte e cale.

O nome de gato assegura minha vigília  
e morde meu pulso distraído  
finjo escrever gato, digo: pupilas, focinhos  
e patas emergentes. Mas onde repousa

o nome, ataque e fingimento,  
estou ameaçada e repetida  
e antecipada pela espreita meio adormecida  
do gato que riscaste por te preceder e

perder em traços a visão contígua  
de coisa que surge aos saltos  
no tempo, ameaçando de morte  
a própria forma ameaçada do desenho  
e o gato transcrito que antes era  
marca do meu rosto, garra no meu seio.

\*

Deus na Antecâmara



Mereço (merecemos, meretrizes)  
perdão (perdoai-nos, patres conscripti)  
socorro (correi, valei-nos, santos perdidos)

Eu quero me livrar desta poesia infecta  
beijar mãos sem elos sem tinturas  
consciências soltas pelos ventos  
desatando o culto das antedecências  
sem medo de dedos de dados de dúvidas  
em prontidão sangüinária

(sangue e amor se aconchegando  
hora atrás de hora)

Eu quero pensar ao apalpar  
eu quero dizer ao conviver  
eu quero partir ao repartir

filho  
pai  
e  
fogo  
DE-LI-BE-RA-DA-MEN-TE  
abertos ao tudo inteiro  
maiores que o todo nosso  
em nós (com a gente) se dando

HOMEM: ACORDA!

\*

Travelling

Tarde da noite recoloco a casa toda em seu  
Lugar.

Guardo os papéis todos que sobraram.

Confirmo para mim a solidez dos cadeados.

Nunca mais te disse uma palavra.

Do alto da serra de Petrópolis,

com um chapéu de ponta e um regador,

Elizabeth reconfirma, “Perder

É mais fácil que se pensa”.

Rasgo os papéis todos que sobraram.

“Os seus olhos pecam, mas seu corpo

não”, dizia o tradutor preciso, simultâneo,

e suas mãos é que tremiam. “É perigoso”,  
ria a Carolina perita no papel kodak.

A câmera em rasante viajava.

A voz em off nas montanhas, inextinguível

fogo domado da paixão, a voz

do espelho dos meus olhos,

negando-se a todas as viagens,

e a voz rascante da velocidade,

de todas as três bebi um pouco

sem notar

como quem procura um fio.

Nunca mais te disse

uma palavra, repito, preciso alto,

tarde da noite,

enquanto desalinho

sem luxo

sede

agulhadas

os pareceres que ouvi num dia interminável:

sem parecer mais com a luz ofuscante desse

mesmo dia interminável

\*

19 de abril

Era noite e uma luva de angústia me afagava o pescoço. Composições escolares rodopiavam, todas as que eu lera e escrevera e ainda uma multidão herdada de mamãe. Era noite e uma luva de angústia... Era inverno e a mulher sozinha... Escureciam as esquinas e o vento uivando... Saí com júbilo escolar nas pernas, frases bem compostas de pornografia pura, meninas de saíote que zumbiam nas escadas íngremes. Galguei a ladeira com caretas, antecipando o frio e os sons eróticos povoando a sala esfumaçada.

\*

Anônimo

Sou linda; quando no cinema você roça  
o ombro em mim aquece, escorre, já não sei mais  
quem desejo, que me assa viva, comendo  
coalhada ou atenta ao buço deles, que ternura  
inspira aquele gordo aqui, aquele outro ali, no

cinema é escuro e a tela não importa, só o lado,  
o quente lateral, o mínimo pavio. A portadora deste  
sabe onde me encontro até de olhos fechados;  
falo pouco; encontre; esquina de Concentração com  
Difusão,  
lado esquerdo de quem vem, jornal na mão, discreta.

\*

Nada, Esta Espuma

Por afrontamento do desejo  
insisto na maldade de escrever  
mas não sei se a deusa sobe à superfície  
ou apenas me castiga com seus uivos.  
Da amurada deste barco  
quero tanto os seios da sereia

\*

Quando entre nós só havia  
uma carta certa  
a correspondência  
completa  
o trem os trilhos  
a janela aberta  
uma certa paisagem  
sem pedras ou  
sobressaltos  
meu salto alto  
em equilíbrio  
o copo d'água  
a espera do café

\*



### **Ana Cristina Cesar**

Nasceu em 1952, no Rio de Janeiro. Criou-se entre Niterói, Copacabana e os jardins do velho Bennet. Depois de 68, um ano em Londres, primeiras viagens pelo mundo, e na volta deu aulas, traduziu, fez letras, escreveu para revistas e jornais alternativos, saiu na antologia **26 Poetas Hoje**, de Heloísa Buarque, publicou, pela Funarte, pesquisa sobre literatura e cinema, fez mestrado em comunicação, lançou seus primeiros livros em edições independentes: **Cenas de Abril e Correspondência Completa**. Dez anos depois, outra vez a Inglaterra, onde, às voltas com um M.A. em tradução literária, escreveu muitas cartas e editou **Luas de Pelica**. Ao retornar, descobriu São Paulo e fixou residência no Rio. Trabalhou em jornalismo, televisão e

escreveu **A Teus Pés**. Suicidou-se no dia 29 de outubro de 1983.